

A EXCLUSÃO DAS MULHERES DA PRÁTICA DAS CIÊNCIAS

Uma manifestação sutil da dominação masculina

Interessar-se pelo lugar ocupado pelas mulheres nas formações e profissões científicas é voltar o olhar ao mesmo tempo para um processo geral e para suas conseqüências específicas: a inserção desigual de dois grupos sexuais nos cursos de formação de cientistas, por um lado, o posicionamento social e sexuado diferenciado autorizado por essas formações, por outro.

Essa interrogação sobre o lugar das mulheres nos diversos cursos do sistema educativo se revela tanto mais importante quanto a "seleção à francesa" não passa da tradução formalizada de um certo tipo de saberes - matemáticos particularmente - cuja aquisição é reconhecida através da hierarquia das carreiras e, portanto, das profissões decorrentes deles. A matemática como disciplina ensinada desempenha um papel decisivo no sistema escolar francês, onde sucedeu às humanidades (grego e latim) como critério de seleção escolar¹.

Essa seleção escolar, feita à base dos desempenhos matemáticos, mostra-se ao mesmo tempo como uma seleção social e sexual. As crianças das classes médias intelectuais e das classes altas e os meninos aparecem então como os principais beneficiários de sua eficácia.

Desde a implantação da escola mista na França, durante os anos 60, a questão do acesso diferencial das meninas e dos meninos ao conjunto do aparelho educativo poderia parecer formalmente regulamentada. Na verdade, tornando-se idênticos os meninos e as meninas, um duplo fenômeno se tornou particularmente visível: por um lado, o progresso particularmente rápido das escolaridades femininas durante o período em que se passou ao regime misto, por outro, o êxito escolar delas, em média melhores que os

¹ BOURDIEU, P., *Epreuve Scolaire et Consécration Sociale: les classes préparatoires aux Grandes Ecoles* *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 39, 1981, p. 3-70

meninos, fenômeno amplamente evidenciado nas análises dedicadas às transformações do aparelho escolar francês².

Quando examinado mais de perto, o destino escolar e profissional das meninas parece paradoxal. Escolarmente superiores a seus companheiros masculinos desde o primário, elas mantêm vantagem ao longo de todo o secundário. Mais brilhantes, são também mais precoces e conhecem menos repetências, qualquer que seja o ciclo de estudos considerado. São mais numerosas a entrar no ginásio e no segundo grau. Representam 55% dos efetivos das turmas de 2^e. (primeiro ano do segundo grau, 16 anos), pois desde o fim do primário os meninos são mais freqüentemente orientados para o secundário curto ou o profissional. As meninas portanto chegam amplamente majoritárias ao bacharelado³, onde são aprovadas com mais freqüência e mais brilhantemente. Porém, e aí está o paradoxo, elas são sistematicamente menos numerosas nos cursos científicos, que no entanto são destinados aos melhores alunos.

"Melhores alunas desde o curso preparatório, as meninas deveriam aproveitar a energia acumulada para vencer a barreira que regulamenta o acesso aos caminhos da excelência. Nada disso acontece: 55% de meninas no primeiro ano do segundo grau, 45% no segundo S, 34% na turma de Terminal C, um a 20% nas turmas preparatórias científicas", declaram C. Baudelot e R. Establet, interrogando-se: "Será que são as moças que não gostam de matemática ou a matemática que não gosta das moças?"⁴ Como explicar esse paradoxo da excelência das moças e de sua exclusão paralela dos caminhos da excelência? O rigor da seleção não pode ser reduzido a uma questão de nível, pois as diferenças dos resultados entre meninas e meninos em geral são em benefício daquelas, e são muito pequenas (embora seja verdade que é nas disciplinas científicas que se encontram) quando são em benefício dos últimos. Como explicar que, em vez de coincidir, com a implantação da escola mista, os tipos de formação e de carreiras seguidas pelos meninos e as meninas mostrem fortes disparidades, as moças se orientando majoritariamente para as disciplinas literárias, os rapazes para as disciplinas científicas?

Impõe-se a constatação de que a escola mista e a abertura formal do conjunto dos cursos escolares não tiveram em absoluto conseqüências benéficas para as meninas, e que o avanço da escolarização delas e de sua qualificação encontrou certos pólos de resistência... e parece também que esses pólos de resistência se encontram essencialmente, pelo menos no ensino

² BAUDELLOT, C e ESTABLET, R.. Les Filles et les Garçons dans la Compétition Scolaire. *Données Sociales*, INSEE, 1990, p. 344-347, DURU-BELLAT, M. *L'Ecole des Filles, Quelles Formations pour quels Rôles Sociaux?* Paris: L'Harmattan, 1990.

³ O *baccalauréat* é um exame realizado no fim do segundo grau na França, dando direito a um diploma que permite a entrada na universidade (exceto as chamadas Grandes Escolas: Engenharia e outras) (N. T.).

⁴ BAUDELLOT, C.; ESTABLET, R.. *Allez les Filles!* Paris: Seuil, 1992.

geral, ao nível das formações de mais prestígio, justamente aqueles que tomam o caminho dos estudos centrados em matemática e física.

Diante dessa constatação, resta interrogar-se sobre os processos sociais que chegam a tal fenômeno. Para isso, dois caminhos eram possíveis: o primeiro, consistindo em estudar as modalidades de exclusão interrogando as meninas que “fracassaram”, parecia a direção mais evidente. Nós escolhemos o segundo: interessar-se pelas moças que conseguem invadir esses bastiões masculinos, compreender como elas conseguem ter acesso a essas formações de prestígio e em quê a análise de suas trajetórias singulares, de suas disposições peculiares, esclarece sobre a ausência e a exclusão das outras⁵.

Nosso objetivo era, ao nos apoiarmos nesses “destinos improváveis”, contribuir para uma avaliação mais matizada, e talvez contraditória, da reprodução das relações sociais de sexo, pondo o foco nas moças presentes nas escolas de particular prestígio que são a Escola Normal Superior e a Escola Politécnica. A pequena quantidade de efetivos femininos nessas escolas (cerca de 10%) é sistematicamente “explicada” pelo pequeno número de moças candidatas aos concursos de entrada nessas escolas, ou seja, alunas das Classes Preparatórias para as Grandes Escolas (seções M’ e P’). Ora, as estratégias escolares que permitem o acesso a essas Classes Preparatórias se constroem bem antes, desde a orientação no fim do primeiro ano do segundo grau. É no momento em que os alunos são repartidos entre os diversos cursos escolares que se concretiza essa exclusão “suave”, sem dor mas sistemática, das meninas⁶. Diante dos sucessos escolares das meninas, como se justifica essa exclusão? Classicamente são apresentados vários argumentos. Parece-nos que todos eles se originam, bem ou mal, de uma análise em termos de dominação masculina. Esses cursos muito seletivos, já dissemos acima, têm como principal objetivo colocar socialmente os indivíduos que os seguem. É evidente que as mulheres, fração dominada da sociedade, não podem ter legitimamente acesso a eles. Mas essa “evidência”, necessariamente mascarada em razão do discurso dominante sobre a igualdade de oportunidades entre os sexos, se constrói sobre uma pluralidade de argumentos que se articulam uns com os outros.

Moças menos “aptas” ao estudo de ciências

Assim, é muitas vezes usada para justificar a “evaporação” das moças desde as primeiras orientações a explicação em termos de aptidões

⁵ O material de duas pesquisas em andamento permitiu a elaboração deste artigo: uma trata das estudantes de escola normal científica que entraram para a Escola Normal Superior, a outra das estudantes de Engenharia, sendo as duas pesquisas feitas em colaboração com F. Imbert e C. Marry, ambas Encarregadas de Pesquisa em Sociologia no CNRS.

⁶ SAINT-MARTIN, M. de. Les Facteurs de l'Élimination et de la Sélection Différentielle dans les Etudes de Sciences. *Revue Française de Sociologie*, 1968, IX, p. 167-184

sexuadas. As meninas não seriam tão boas quanto os meninos “a partir de um certo nível e principalmente de uma certa idade”, argumento repetido tanto pelos professores e pais quanto pelos próprios alunos, mas que não parece nem um pouco convincente. Entretanto, mesmo não verificado, o argumento serve. Certamente porque é recorrente com os discursos e justificações sobre a inferioridade das mulheres diante da aquisição do saber (quer se trate de grego e latim no século XIX, ou de matemática e física no XX). A dizer a verdade, as tentativas atuais - como as tentativas anteriores - para “comprovar cientificamente” não visam tanto, hoje em dia, demonstrar que as mulheres são intelectualmente inferiores aos homens quanto se interrogar sobre as diferenças de aptidões segundo o sexo. Mas, implicitamente, dessa diferenciação sempre decorre uma hierarquização⁷.

Biologicamente ineptas, por razões de natureza, à prática das humanidades clássicas (latim e grego) até o início do século XX, as mulheres hoje têm obrigação de ser fortes em literatura. Suas inaptidões intelectuais hoje parecem então se concentrar essencialmente nas ciências e mais particularmente em matemática. À medida que se desenvolvem os conhecimentos relativos ao funcionamento cerebral, vemos assim se deslocarem as “provas” das menores aptidões das mulheres nas disciplinas, como que por acaso, mais reconhecidas socialmente.

Declarar que as moças seriam então menos “dotadas” para as ciências se origina na ideologia dos “dons”, ideologia que durante muito tempo presidiu a explicação do fracasso escolar das crianças do meio popular. O fracasso dos “não dotados” (como que por acaso muito mais freqüente nas classes populares) se explicaria pela menor aptidão deles em assimilar o tipo de conhecimento exigido para o êxito escolar. Como essa argumentação se apóia em uma superioridade do inato sobre o adquirido, e portanto em uma certa predestinação biológica, funciona de maneira idêntica quando evidencia as inaptidões devidas ao sexo.

Moças menos bem preparadas para o estudo de ciências

A “democratização” do ensino secundário, ao evidenciar o mau desempenho generalizado das crianças de condições modestas, deu origem a análises explicativas que revelavam uma nova forma de ideologia das aptidões: a do *handicap* sócio-cultural. O fracasso escolar, efetivamente, é analisado em termos de déficit, de falta, análise que permite relatar os efeitos negativos da seleção, não mais apenas sobre as capacidades intrínsecas do aluno, mas sobre seu ambiente e sobre os mecanismos de sua socialização. Não se pode deixar de ficar impressionado com a semelhança com o discurso que explica a exclusão das moças dos cursos científicos. Para alguns, com efeito, em razão de uma socialização específica, as meninas não poderiam adquirir as qualidades necessárias: sentido do espaço, agressividade, abstra-

⁷ GUILLAUMIN, C. *Questions de Différence Questions Féministes* 6, 1979, p. 6-43.

ção, gosto pelo jogo, competitividade, qualidades aparentemente requeridas para "fazer ciência".

A credibilidade de uma argumentação como essa vem em grande parte do fato de que ela se baseia na constatação de diferenças de comportamento estatisticamente constatadas segundo o sexo. Muitos estudos, assim, mostram que, desde o primário, as meninas têm melhores resultados no âmbito de uma pedagogia que utiliza a cooperação e o espírito de equipe que no de uma pedagogia baseada na concorrência e na competição. Que a pouca presença das moças nos cursos científicos seja reflexo de sua socialização é sem dúvida alguma parcialmente exato - voltaremos a isso -, mas o notável aqui é que a argumentação permite não fazer alusão ao impacto do funcionamento do sistema escolar, particularmente o papel da orientação sexuada, na exclusão das meninas.

Na verdade, as coisas acontecem como se, por ele mesmo, o sistema escolar francês pusesse em funcionamento implicitamente mecanismos que conduzem inelutavelmente a essa exclusão, ao mesmo tempo que a fazem passar por auto-exclusão, auto-renúncia por parte das moças.

Um desses mecanismos se apóia na existência de atitudes muito diferenciadas dos professores segundo o sexo dos alunos⁸. Ora, essas atitudes desempenham um papel importante na orientação e mais globalmente no destino escolar dos meninos e das meninas. Os efeitos de expectativa, particularmente, podem influir de modo determinante na maneira de pensar sobre um futuro escolar. Todos os estudos sobre os desempenhos escolares dos meninos e meninas (em particular as avaliações feitas no fim do primeiro grau, antes da entrada no liceu - segundo grau) tendem a mostrar que os desvios permanecem mínimos⁹, porém que essas fracas diferenças induzem a uma considerável discriminação em suas conseqüências nas decisões de orientação e acabam chegando de fato a verdadeiros mecanismos de exclusão¹⁰.

Mesmo com resultados médios nas matérias científicas, um rapaz tentará quase sistematicamente entrar no "caminho da ciência", geralmente apoiado e incentivado pelos pais. Em caso de nível científico insuficiente, ele poderá até pensar em uma repetência que, eventualmente, no ano seguinte lhe abrirá o acesso a esse curso. Nesse ponto de vista, não é tanto o gosto pelas ciências ou as capacidades científicas do aluno quanto a perspectiva de estudos superiores e principalmente de empregos com prestígio social e econômico que põem em jogo essas estratégias de orientação. A orientação das moças obedece a considerações que ainda permanecem muito diversas; constata-se, sem que por isso se possa falar de complô, que esse caminho

⁸ MOSCONI, N.. *La Mixité dans l'Enseignement Secondaire, un Faux Semblant?* Paris. PUF, 1989.

⁹ BONORE, D. e HUTEAU, M. :L'Efficiency Comparée des Garçons et des Filles en Mathématiques. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle* 3, 1991, p. 269-290.

¹⁰ GUICHARD, J. . Le Système Educatif Français et l'Orientation des Lycéennes et des Etudiantes *Revue Française de Pédagogie* 91, 1990, p. 37-46.

científico, quase incontornável para os rapazes (a tal ponto que um rapaz muito bom aluno e desejoso de fazer letras terá dificuldades para impor sua escolha aos que o cercam) é muito menos provável para as moças.

As qualidades das moças, seu maior êxito, parecem até jogar contra elas: mais brilhantes em média que os rapazes, freqüentemente elas são tão boas em letras quanto em ciências, o que é mais raramente o caso dos rapazes. Uma orientação para as outras carreiras, literárias ou econômicas, por exemplo, pode então parecer mais adequada a sua polivalência. Na escolha dessa orientação que as desvia das "ciências duras", as moças beneficiam-se da compreensão dos pais, que receiam para as filhas o caráter muito competitivo - e portanto considerado muito masculino - das carreiras científicas, assim como do apoio dos professores, que têm que se haver com a penúria de vagas nesses cursos muito cobiçados.

As "opções desfavoráveis" das moças e suas conseqüências no desenrolar das carreiras escolares e profissionais só ganham sentido no âmbito de uma análise em termos de relações sociais de sexo.

Um dos efeitos da dominação masculina consiste na definição de um campo dos possíveis mais restrito para as mulheres que para os homens, excluindo aquelas do campo do poder, ao mesmo tempo em que faz crer na abertura total dos possíveis aos dois sexos, coisa que o estabelecimento da escola mista permite supor. Por isso mesmo, essa abertura formal pode se mostrar totalmente ineficaz se entrar em contradição com o que os agentes (no caso as moças) interiorizaram como lugar social possível (ou provável).

Assim, certos cursos, certas profissões possíveis não seriam "concebíveis", na medida mesma em que não seriam compatíveis com um *habitus* sexuado que os rejeitasse. As moças, pensando entrar nos campos que lhes agradam, só fariam agir conforme os "gostos" que lhes teriam sido inculcados, gostos que assim remeteriam a uma imagem masculina da ciência, na qual as mulheres não se encontrariam.

Essa incorporação dos possíveis femininos é também o que explicaria aquilo que M. Duru-Bellat¹¹ chama (em uma problemática bem diferente, é verdade) as "opções razoáveis" das moças. Dentre esses possíveis femininos, esboça-se a noção de carreiras "no feminino", justificando *a posteriori* as opções escolares das meninas. Apesar da ascensão irreversível da atividade feminina, apesar da manutenção das mulheres no mercado de trabalho, mesmo casadas e mães de família, permanece forte nas representações uma visão diferenciada da carreira profissional segundo o sexo. Desde há quase duas décadas, na França, os casais em que os dois cônjuges são ativos ultrapassam muito claramente em número os casais em que só o homem é ativo. Por isso, o modelo familiar dominante continua sendo aquele em que a

¹¹ DURU-BELLAT M. La Raison des Filles: choix d'orientation ou stratégie de compromis? *L'Orientation Scolaire et Professionnelle* 3, 1991, p. 255-267.

mulher trabalha profissionalmente, é verdade, porém limita seu investimento profissional, no próprio interesse do bom funcionamento familiar. E se, também por causa da crise, o salário feminino é cada vez menos considerado como um salário complementar, um excesso de envolvimento profissional por parte da mulher, sobretudo da mãe, deixa a suspeita de que é feito em detrimento do equilíbrio da família.

Outra dimensão social incorporada no “possível” feminino: o da natureza da profissão. Quanto a esse ponto de vista, parece certo que os “destinos escolares” das meninas se constroem então nem tanto sobre as escolhas das disciplinas quanto sobre opções com perspectivas profissionais. Ora, a maioria dos empregos mais feminilizados (se excetuarmos o magistério de ciências onde, aliás, os homens ainda estão em paridade com as mulheres) não requer formação científica profunda. Ao fazer “opções razoáveis”, as moças então estariam optando pelos cursos tradicionalmente femininos, não científicos. O abandono que fazem do caminho da excelência, que em compensação lhes permite rentabilizar de maneira mais provável e mais segura o diploma, afasta-as ao mesmo tempo das carreiras com maior prestígio social. Ainda mais porque, mesmo sem contar o caráter eventualmente rebarbativo que tenham, as “profissões ditas masculinas” só se abrem para as moças com parcimônia, mesmo se elas possuem o diploma adequado. A misoginia do mundo do trabalho, antecipada desde já, as desviaria dos estudos cujo custo final seria pesado demais em relação aos ganhos esperados.

Ao nível então das estratégias explícitas, essa auto-renúncia das moças pelos cursos de mais prestígio corresponderia à busca de trajetórias femininas prováveis - portanto possíveis - pelo receio antecipado das dificuldades que poderiam encontrar em três níveis: escolar (escola pseudo-mista), profissional (rigidez do mercado de trabalho) e familiar (dificuldade em conciliar atividade profissional e encargos de família).

Porém, essa auto-renúncia razoável também pode ser lida como uma manifestação sutil da dominação masculina, através da incorporação de um *habitus* sexuado que se traduz pelo recurso à “vocação”, positiva ou negativa, que aqui substituiria a exclusão ou a renúncia explícita¹².

Diante da violência dessa dominação, como explicar então que certas moças escapem a ela? Será que se deve ver, nessas moças, exceções, algo da ordem de um “terceiro sexo”, “álbis” que permitem, mascarando-a, a reprodução da dominação masculina, ou será que se pode, ao contrário, falar de subversão das relações de sexo?

A análise das entrevistas que fizemos junto a normalistas científicas e estudantes da Politécnica nos permite trazer elementos - alguns dos quais ainda estão entretanto no estágio de hipóteses a verificar - de respostas.

¹² BOURDIEU P.. La Domination Masculine. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1990, p. 3-58.

Parece que para poder atravessar essas barreiras, para resistir à dominação, as moças devem se beneficiar de condições específicas e possuir disposições peculiares.

A primeira condição é a da **excelência escolar**. Ela se explica pela especificidade do sistema francês, em que a excelência tem que passar pelos cursos científicos. As moças particularmente brilhantes - como aliás os rapazes das classes populares -, em razão de sua excelência, serão, por causa mesmo dessa excelência, aceitos nesse curso de prestígio. Isso significa que, para conseguir atravessar essas barreiras, elas têm que se revelar superiores ou pelo menos iguais aos elementos masculinos de melhor desempenho.

Depois, elas têm que comprovar, eventualmente de maneira precoce, **gosto pelas ciências**. O que não é sistematicamente, já vimos acima, o caso de todos os rapazes que escolhem o curso C.

Efetivamente, é esse gosto pelas ciências que as "protege" das opções dos outros cursos. Mesmo boas em outras matérias, elas mostram de saída sua preferência pelo curso científico, até mesmo por uma disciplina bem definida. Assim é que a maior parte das normalistas estudantes de Física que entrevistamos declararam ter tido muito precocemente (e às vezes sem nenhum apoio dos pais) um gosto declarado por essa matéria¹³.

Essa predileção por uma disciplina científica precisa é evocada com menos freqüência no discurso das estudantes da Politécnica. Entretanto, elas de um modo geral tiveram bons resultados no conjunto das matérias científicas durante sua escolaridade, mas também demonstram com bem menos freqüência uma vocação de cientista. Para muitas delas, como para seus colegas rapazes, o estudo de ciências aparece mais como um meio que como um fim. O que elas visam é a excelência social, e esse objetivo se torna possível pelo meio social de que são oriundas. Realmente, moças estudantes de Politécnica e de Normal Superior provêm principalmente de famílias em que o casal dos pais se caracteriza, tanto ao nível das relações conjugais quanto ao nível das práticas educativas, por uma relativa **indiferenciação dos papéis sexuais**. Trata-se mais de famílias em que o projeto de mobilidade social (ou de manutenção, para as classes superiores) através do diploma se refere ao conjunto dos irmãos, seja qual for o sexo.

Finalmente, elas têm que poder se apoiar, em seu ambiente, em um modelo feminino, materno ou não, que permita que o improvável se torne concebível. Funciona aqui, é verdade, o modelo de atividade da mãe, mas não só. O que importa é que seja ultrapassado, pela **existência visível de mulheres cientistas**, o estereótipo de incompatibilidade entre exercício da ciência e feminilidade¹⁴.

¹³ FERRAND M. e IMBERT, F. *Physiciens, Physiciennes: une enquête auprès des normaliens et normaliennes scientifiques* *Didaskalia* 3, 1994, p. 75-85

¹⁴ GODSTEIN, C.. *On ne Naît pas Mathématicien* Le sexe des sciences, *Autrement* 6, 1992, p. 143-155.

Conclusão

A obtenção de um diploma, mesmo muito valorizado, não abre sistematicamente para as mulheres os caminhos do poder. A organização do mercado de trabalho permanece muito profundamente segregada do ponto de vista sexuado. A discriminação da mão-de-obra segundo o sexo baixa o nível do salário feminino e o nível de responsabilidade concedida às mulheres, qualquer que seja a configuração adotada pela segregação¹⁵. Os salários das profissões muito feminilizadas ficam sempre inferiores aos salários das profissões muito masculinizadas. As mulheres, portanto, são mal pagas quando escolhem profissões femininas. Mas, como mulheres, são menos bem pagas quando trabalham em setores muito masculinos. No que toca à evolução hierárquica, os poucos homens que se empregam em setores de empregos feminilizados muitas vezes têm neles promoções mais rápidas que suas colegas femininas. Pelo contrário, nos empregos masculinizados ou mistos, quanto mais aumenta o nível de qualificação, menos há mulheres. E àquelas que estão lá são atribuídos salários tanto mais afastados dos salários masculinos quanto aumentam a antiguidade e o posto.

Pareceria então que o “efeito alavanca” do diploma é relativamente um logro e que o maior êxito das moças não lhes seja de nenhum proveito¹⁶.

Entretanto... parece-me, ao contrário, que estamos atualmente em plena evolução social, e que aquilo que se pode pensar ser apenas um simples “estremecimento” pode se revelar a longo prazo de um alcance subversivo em matéria de relações sociais de sexo. Vários elementos, em nosso material, permitem esperar que sejam postos em causa um certo número de estereótipos. O principal deles me parece ser o caráter não competitivo das moças. Em primeiro lugar, restringir a competição à que é exercida unicamente nos cursos científicos é terrivelmente redutor. Nos cursos de Biologia, Medicina, mas também Ciências Econômicas, Direito, grandes escolas de comércio etc, as moças alcançaram os rapazes e se mostram tão competitivas quanto eles. E tudo leva a pensar que a médio prazo a mesma coisa pode ocorrer para a Matemática...

Depois, o próprio avanço da escolaridade das moças, o fato de que cada vez mais elas tenham tantos diplomas quanto seus irmãos e seus companheiros é, por si mesmo, um fator de evolução que tende a atenuar (infelizmente ainda de maneira insuficiente) as relações sociais de sexo, na família e na sociedade.

¹⁵ MARUANI, M. Féminisation et Discrimination: évolution de l'activité féminine en France. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle* 3, 1991, p. 243-256.

¹⁶ LE FEUVRE N. e WALTERS, P. Egales en Droit? La féminisation des professions juridiques en France et en Grande Bretagne. *Sociétés Contemporaines* 16, 1993, p. 41-62

Mas o fator de evolução mais dinâmico me parece ser o peso da transmissão materna. As moças de hoje têm mães que trabalham, as de amanhã terão mais mães que, por sua vez, terão feito carreira. As moças de hoje só pensam em sua vida profissional como ininterrupta, e o fato de se apresentarem no mercado de trabalho com capitais escolares idênticos aos de seus companheiros (constata-se em nossa pesquisa um índice de homogamia escolar que alcança praticamente 100%) vai necessariamente modificar as relações dentro da família conjugal. Já se sabe que quando uma mulher é profissionalmente ativa, seu companheiro participa mais (mesmo se ainda estamos muito longe de uma partilha igualitária) do trabalho doméstico e dos encargos de família. Pode-se supor, e encontramos casos assim, que algumas mulheres tenham estratégias explícitas para manter a amplitude de suas carreiras no mesmo nível que a de seus companheiros. E é essa prática que as moças de hoje transmitirão a suas próprias filhas.